

A CRIAÇÃO VOCABULAR NO BATE-PAPO MSN

Edson Velame¹
Faculdade São Miguel

Resumo:

Este trabalho objetiva analisar a criação e a economia vocabular composta por neologismos e reduções presentes na linguagem dos usuários do bate-papo MSN. Serão evidenciados termos e expressões veiculados por esse gênero textual emergente que já estão difundidos e incorporados como linguagem do dia-a-dia, permitindo que esses instrumentos possam ser inseridos na realidade de sala de aula para o estudo de elementos gramaticais importantes da Língua Portuguesa. Na investigação, a linguagem mostra-se essencialmente funcional construindo novos sentidos por meio de escolhas lexicais, aproximando e desmistificando a dicotomia fala e escrita, tornando-as uma o espelho da outra na esfera dialógica.

Palavras-Chave: neologismo; reduções; abreviações; linguagem do chat; MSN.

Abstract:

This article analyzes the creation and word economy found in neologisms and reductions present in the language of users of the chat MSN. Terms and expressions encountered in this emergent text genre were found to be incorporated into everyday language, allowing for these instruments to be inserted into the reality of the classroom for the study of important grammatical elements in the Portuguese language. The investigation showed the language to be essentially functional constructing new meanings through lexical choices, approximating and demystifying the dichotomy between oral and written language, making each a mirror image of the other.

Keywords: neologism; reductions; abbreviations; chat language; MSN.

¹ Aluno de graduação do curso de Letras da Faculdade São Miguel. Trabalho desenvolvido para disciplina de Língua Portuguesa II com orientação da Profa. Mestra Tatiana Simões e Luna.

I. Introdução

É sabido que o acervo lexical de uma língua está sempre em movimento, renovando-se. Para a Língua Portuguesa, uma das maiores contribuições atualmente estão por conta da influência da Língua Inglesa. Um dos motivos é o grande uso de equipamentos de informática, assim como o uso de *softwares* e *hardwares*, cuja utilização requer palavras e expressões que estão a cada dia mais presentes no uso da Língua Portuguesa. Além dessas contribuições, ocorre diariamente e de maneira muito discreta, sem a percepção consciente do usuário da língua, uma renovação vocabular. Isso acontece porque algumas palavras caem em desuso, ou seja, tornam-se arcaicas, dando assim espaço para novas palavras, iniciando dessa forma um processo de criação lexical, o qual recebe o nome de *Neologia*, em que o elemento resultante, a nova palavra, recebe o nome de Neologismo.

A história da Língua Portuguesa nos revela que o léxico português é basicamente de origem latina, contudo, vem ampliando seu acervo por meio de mecanismos próprios da língua, como a derivação e a composição, além dos empréstimos linguísticos e culturais que caminham paralelamente à globalização da informação. Dessa forma, segundo Alves (2007), sendo a língua um patrimônio de toda uma comunidade linguística, a todos os membros dessa sociedade é facultado o direito de criatividade léxica.

É através dos meios de comunicação de massa, de obras literárias e, sobretudo, no uso dos *Chats* e *Bate-papos* bem como de todos os gêneros emergentes² que os neologismos recém criados

têm oportunidades de serem conhecidos e, acompanhando a evolução tecnológica, serem também rapidamente difundidos e assimilados como padrão de uma específica comunidade linguística.

2. Fundamentação teórica

Neologismo é um fenômeno linguístico que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de novo sentido a uma palavra antiga; pode ser um comportamento espontâneo do próprio ser humano ou meramente artificial para fins pejorativos.

Alves (2004) apresenta uma série de tipos de neologismos que servirão de base para guiar a análise de alguns vocábulos utilizados pelos usuários do MSN. Os neologismos podem ser: fonológicos, sintáticos, semânticos, por conversão³ ou derivação imprópria, por empréstimo, além de outros processos.

2.1 Tipos de neologismos

2.1.1 Fonológicos

A neologia fonológica supõe a criação de um item léxico cujo significante seja totalmente inédito, ou seja, criado sem base em nenhuma palavra já existente. Isso é um fato extremamente raro em todas as línguas.

² Refere-se aos gêneros novos que se proliferam dentro de novas tecnologias, particularmente na mídia eletrônica digital.

³ Os neologismos por conversão não serão abordados neste trabalho por serem menos recorrentes pelos usuários do MSN.

Não basta que um significante esteja de acordo com o sistema de uma língua para que ele se torne um elemento integrante do léxico desse idioma. É o próprio mecanismo da comunicação que impede a vivacidade da neologia fonológica, a fim de garantir a eficácia da mensagem. Dessa forma, a unidade léxica tem caráter neológico à medida que é interpretada pelo receptor.

Sendo assim, sabemos que há uma resistência coletiva a toda inovação vocabular, pois a língua constitui um patrimônio comum a todos os falantes de uma comunidade linguística, mas isso não quer dizer que a língua não evolua ou que não exista criação linguística.

2.1.2 Sintáticos

Os neologismos sintáticos são formados pela combinação de elementos já existentes no sistema linguístico do português, justamente o contrário dos neologismos fonológicos.

Esses neologismos são classificados em:

- Derivados;
- Compostos;
- Compostos sintagmáticos;
- Compostos formados por siglas ou acrônimos.

São denominados sintáticos porque a combinação de seus membros constituintes não está circunscrita exclusivamente ao âmbito lexical (junção de um afixo a uma base), mas concerne também ao nível frásico: o acréscimo de sufixos pode alterar a classe gramatical da palavra base, e a composição tem caráter coordenativo e subordinativo.

Os neologismos sintáticos podem ser formados por:

- Derivação prefixal: de extrema recorrência no português, esse tipo de derivação se forma quando é adicionada a uma base (radical) um prefixo, o qual lhe acrescenta uma grande variedade de significados.
- Derivação sufixal: bastante recorrente nos gêneros jornalísticos contemporâneos, ocorre quando um sufixo é associado ao radical, o que, com frequência, altera-lhe a classe gramatical.
- Composição: definida pela justaposição de bases dependentes ou não de seus componentes constituintes da unidade léxica, podendo ainda ser classificado como subordinativo ou coordenativo.
- Composição sintagmática: também conhecido pelo seu aspecto morfossintático. É a sequência lexical, cuja ordem dos elementos constituintes é sempre a mesma: determinado seguido de determinante em que a união dos membros é de natureza sintática e semântica, de forma a constituírem uma unidade lexical.
- Composição por siglas ou acrônima: é uma das formas de composição sintagmática presente na economia discursiva. É formada por meio de siglas ou acrônimas, que têm a função de tornar o processo de comunicação mais simples e eficaz.

2.1.3 Semânticos

Sabemos que muitos neologismos são criados sem que ocorra nenhuma mudança formal em unidades léxicas já existentes, pois qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona a criação de um novo elemento. Trata-se, nesses casos, do neologismo semântico ou conceptual.

A neologia semântica revela-se de diferentes maneiras. O neologismo semântico mais usual ocorre quando se verifica uma mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica. Isso ocorre por meio dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sinédoque, entre outros. Vários significados podem ser atribuídos a uma base formal e transformam-na em novos itens lexicais.

2.1.4. Empréstimos e estrangeirismos

Todos os neologismos até agora conceituados são de bases da língua portuguesa, porém o léxico de um idioma não se limita a acervos pré-existentes e, por isso, poderá se associar a outras comunidades linguísticas de forma a desenvolver um novo acervo. Essa característica, inerente ao desenvolvimento de qualquer língua, é marcada principalmente pela evolução e expansão de idiomas dominantes, como a língua inglesa ou francesa, por exemplo, as quais são responsáveis pela maioria das extensões lexicais à língua portuguesa.

O elemento externo ao vernáculo de uma língua, não pertencente ao seu acervo lexical que é utilizado sem modificar sua estrutura original, é denominado estrangeirismo, a exemplos de

Menu, Weekend, lady, videogame. Enquanto o empréstimo linguístico é o aportuguesamento de palavras estrangeiras, a exemplos de estresse, bife, xampu. No entanto, tal divisão revela-se problemática em algumas situações, pois variados e subjetivos são os critérios passíveis de utilização no seu estabelecimento, bem como suas definições estão distribuídas por diversos pesquisadores. Mas essa polêmica não será tratada neste artigo. Fica como sugestão para ser desenvolvida numa outra oportunidade.

2.2 O conceito de chat e sua evolução

Chat, “conversa” em inglês, é o nome popular dado para o IRC (Internet Relay Chat). O IRC ou chat era o espaço virtual onde as pessoas se encontravam e conversavam em tempo real através de mensagens, tanto participando de discussões grupais em um dos milhares de canais (ambiente de encontro virtual), como conversando em particular com amigos e familiares.

O IRC ficou famoso internacionalmente em 1991, durante a Guerra do Golfo, quando relatórios atualizados foram distribuídos na Internet e a maioria dos usuários do IRC se reuniu num só canal para ouvi-los e comentá-los.

Hoje, com a evolução da tecnologia da informação e pelos incontáveis softwares voltados à conversação on line, o IRC cedeu espaço para o MSN (Instant Messenger), sendo considerado um dos principais programas do gênero “bate-papo”, que tem como objetivo estabelecer comunicação virtual instantânea entre duas ou mais pessoas independente de sua posição geográfica.

2.2.1 Da fala para a escrita no gênero chat

O que mais chama atenção nesse gênero e o que leva ao principal objetivo deste trabalho é o intenso uso da escrita como espelho da fala, criando características específicas, uma identidade reconhecida hoje pela comunidade linguística como “internetês”. Surge aí um novo jargão? Ou uma nova variação linguística? Câmara (1980) diz que a língua é, de maneira geral, coletiva, mas cada um de nós tem certas peculiaridades linguísticas, ou pelo menos preferências. Dessa forma, a equidade presente nos traços estilísticos deste gênero assume uma nova identidade e se projeta como um dialeto comumente utilizado por esta comunidade linguística, em que a escrita e a oralidade se tornam “uma só”, caracterizadas pela completa despreocupação com a formalidade gramatical.

A dimensão temporal desse tipo de interlocução é caracterizada principalmente pela sincronidade, aproximando-se muito de uma conversa telefônica, porém, devido às especificidades do meio que põe os interlocutores em contato, estes devem escrever suas mensagens. Apesar da nítida sensação de estarem em uma conversa face a face, os enunciados que estão sendo produzidos são construídos num texto falado por escrito.

Ao analisar o uso da linguagem e sua variação léxica neste contexto, percebe-se um paralelo que cresce proporcionalmente à tecnologia da informação. Esse crescimento também afeta a dinâmica da língua. Surge, nesse caso, uma espécie de acordo entre os componentes que utilizam este novo e emergente gênero, iniciando-se uma sociedade linguística possuidora do poder de criação e transformação do uso da língua que apresenta como característica principal:

- A recorrência de períodos curtos e simples, inclusive com a utilização de palavras reduzidas e a incorporação de estrangeirismos;
- O surgimento de marcas de envolvimento entre os interlocutores, o tom de informalidade e descontração presentes no diálogo;
- As interrupções sintáticas, a perda da continuidade conversacional;
- Hesitações, repetições, paráfrases e marcadores conversacionais;
- O uso demasiado de gírias e neologismos.

Tudo isso aproxima a escrita da fala cotidiana, promovendo uma nova reconfiguração das formatações tradicionais da escrita e ainda um ritmo conversacional aproximado da esfera dialógica cotidiana.

Isso significa dizer que essa atividade comunicacional apresenta também uma vinculação situacional, ou seja, não pode a língua, nesta esfera específica da comunicação humana, ser separada do contexto em que se efetiva (Marcuschi, 1991, p.5-16). Vê-se, então, que existe uma infinita possibilidade e permissividade de recursos linguísticos que estão em constante movimento e que, de uma forma geral, são responsáveis por manterem vivo esse gênero.

Bakhtin oferece, através de seus pressupostos teóricos, um sólido suporte para a compreensão desta nova forma de interação virtual que se dá pela palavra, pois é a linguagem que para ele é produzida pelo contexto sociocultural.

Ainda de acordo com Bakhtin (1999:123), sendo a palavra o material privilegiado de interação entre as pessoas, não pode a

linguagem ser compreendida separadamente do fluxo da comunicação verbal:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações, a interação verbal constitui assim a realidade da língua.

Dessa forma, o processo de interação verbal para Bakhtin consiste em uma unidade básica, de natureza dialógica, que não funciona separadamente entre o discurso oral ou escrito, o que ratifica o fenômeno Chat enquanto produção de linguagem.

O texto produzido no MSN, embora essencialmente escrito, também põe em uso a modalidade da fala, apresentando uma nova articulação da linguagem, que pode ser concebida como forma complementar de ver e compreender o mundo, possibilitando uma visão de interação dialógica atingida na comunicação entre os seres humanos. Bem mais que um simples programa de bate-papo, o MSN se torna um instrumento capaz de aproximar usuários de uma língua, tornando a escrita uma nova ordem da fala:

Assim, para evitar mal-entendidos, faz-se necessária uma observação preliminar em relação ao que está em jogo nestas atividades. Em hipótese alguma se trata de propor a passagem de um texto supostamente “descontrolado e caótico” (o texto falado) para outro “controlado e bem-formado” (o texto escrito). Fique claro, desde já, que o texto oral está em ordem na sua formulação e no geral não apresenta problemas para

sua compreensão. Sua passagem para a escrita vai receber interferências mais ou menos acentuadas a depender do que se tem em vista, mas não por ser a fala insuficientemente organizada. Portanto, a passagem da fala para escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para uma outra ordem. (Marcuschi, 2000, pag.47).

Partindo dos preceitos de Marcuschi, observam-se duas dimensões não distantes, fala e escrita, que tangenciam a atividade comunicacional criando, assim, uma nova concepção que põe abaixo a complexidade mítica entre fala e escrita. Não existe, portanto, segundo Marcuschi (2000:48) “supremacia cognitiva da escrita sobre a fala (...)”.

Observadas as especificidades do Chat, MSN e demais instrumentos de conversação virtual, deve-se repensar sobre as concepções de fala e escrita, pois estes gêneros modificam sensivelmente nossa relação com a oralidade e a escrita. Não se pode considerá-las de forma dicotômica, pois esses textos estão inseridos num continuum tipológico em que interagem as características de uso das duas modalidades da língua.

Considerando a confluência dessas modalidades no gênero chat, este trabalho limita-se à análise da criação vocabular produzido pelos usuários no MSN, como possibilidade de introduzir seu acervo lexical no estudo da morfossintaxe na sala de aula.

3. A configuração do objeto da análise

Na comunicação por computador, existem recursos dos mais variados que são disponibilizados pela internet; no entanto, para o

objeto em estudo, pretende-se focar as conversações on line pelo MSN.

O MSN é facilmente adquirido pela internet através de download, e sua utilização não está restrita ao meio domiciliar e particular. Muitas empresas, por sua praticidade e velocidade na comunicação, utilizam-no como instrumento de trabalho, proporcionando a comunicação instantânea entre seus funcionários de diversos setores, independentemente de sua localização geográfica.

As mensagens on line são enunciados predominantemente linguísticos, enviados ao destinatário que está naquele mesmo momento ligado ao computador, através de um software específico, chamado de MSN, o qual recebe mensagens instantâneas estabelecendo sincronicamente um diálogo. Essa interação simultânea se dá entre duas pessoas ou também com um grupo específico de pessoas que estejam associados a sua lista de contatos.

Esse tipo de instrumento que permite a conversação on line possui detalhes que desconstróem completamente os conceitos tradicionais de comunicação, pois permitem ainda que os envolvidos no processo possam ver imagens (fotos pessoais) através das janelas de conversação, bem como, por meio de uma câmera digital apropriada, possam produzir uma transmissão simultânea da imagem de seu interlocutor. Vale ressaltar a utilização dos emoticons como instrumentos para representar “o estado emocional” de seus usuários. Os emoticons, como a própria palavra sugere, provêm das palavras inglesas *emotion*, representando a emoção, e *icon*, ícone. Ou seja, são símbolos capazes de transparecer o estado emocional do usuário, como também podem enfatizar a intenção do que pretende ser “dito” e/ou escrito. Vejamos alguns deles:



Dessa forma, a conversação torna-se ainda mais real, pois proporciona a seus envolvidos a sensação de estar face a face, promovendo uma interação dos sentidos e percepções, que vão além da esfera textual.

4. Processo de criação vocabular

Para a análise da criação vocabular, foram selecionados seis trechos de uma conversa estabelecida entre dois amigos que já se conheciam previamente. É importante identificar o contexto, pois o uso do vocabulário está diretamente ligado à natureza do discurso. Assim, discursos informais, como este que foi analisado, são caracterizados pela completa despreocupação com relação ao uso de regras gramaticais. É importante também esclarecer que a conversa

foi adquirida com o consentimento de seus interlocutores, mas sem que soubessem do real propósito da pesquisa, pois obter dados da linguagem do dia-a-dia não é tarefa fácil devido ao chamado “paradoxo do observador”. Ou seja, é necessário descrever a linguagem em seu contexto natural de uso, e os falantes, ao se sentirem observados, acabam deixando de apresentar um comportamento natural. Desta forma, não informando aos envolvidos o objetivo da pesquisa, obtém-se um estilo menos policiado ou autoconsciente.

No trecho 1, o foco são expressões utilizadas principalmente para os cumprimentos iniciais:

Trecho 1

(22:08) Theeus..: Oi!!!!!!!
(22:08) O amor é o ridículo: e ai como é que tas?
(22:08) O amor é o ridículo: tudo em *riba* (1)???
(22:09) Theeus..: sim sim sim

Percebe-se ainda neste trecho um alongamento vocálico em “Oi!!!!!!!” e as repetições propositais “sim sim sim” para enfatizar a saudação e/ou resposta, mas focando o neologismo “riba” (1) trata-se de uma abreviação oriunda da palavra “arriba” da língua espanhola, que significa: “está tudo em cima”, “está tudo bem”.

No trecho 2, pontos de discordância entre os interlocutores produzem expressões e gírias muito utilizadas que merecem destaque:

Trecho 2

- (22:47) Theeus...: eu *num tow* (2) gostando disso não
(22:47) Theeus...: *vei* (3)!!
(22:47) O amor é o ridículo: *ta baun* (4) teeus desculpa!
(22:47) O amor é o ridículo:
(22:47) Theeus...: *tow* falando sério
(22:47) Theeus...: q *onda* (5) é essa? (...)

As expressões “num tow” (2), “vei” (3) e “ta baun” (4) representam o uso oral mais popular e tentam reproduzir suas formas originais “não estou”, “velho” e “tá bom”. “Velho”, nesse contexto sincrônico, perde sua significação de “antigo” e “usado” e passa a designar o nível de intimidade entre os interlocutores, tornando-se uma gíria. Por isso, além de ser classificada como neologismo semântico, também pode ser considerada uma abreviação popular comumente utilizada por jovens e adolescentes. Em “num tow” e “ta baun” ocorre um fenômeno muito utilizado por este gênero: a *substituição fonêmica*. Seus usuários usualmente fazem a troca dos fonemas por outros equivalentes: “ão = não” por “um = num”; “ou = estou” por “ow = tow” (aqui tow também sobre abreviação); “om = bom” por “aun = baun”. Este processo tem por objetivo informalizar a conversação. Por fim, a palavra “onda” (5) foi utilizada para expressar uma “situação desconfortável”, também sendo considerada um neologismo semântico.

No trecho 3, apesar da troca do *nickname*⁴, os usuários são os mesmos. Neste trecho, os usuários trocam fotos, e um deles questiona a veracidade da imagem:

Trecho 3

(00:40) O Sofrimeento é: voltei
(00:41) O Sofrimeento é: gostei da foto
(00:41) O Sofrimeento é:
(00:42) Theeus...: só num diz q (6) é fake (7)
(00:42) O Sofrimeento é: esta é fake é
(00:42) O Sofrimeento é:
(00:43) Theeus...: rrsrrsrs (8)
(00:43) O Sofrimento: ta fazendo o q?
(00:44) Theeus: pesquisando... (...)

Aqui os usuários utilizam a redução, bastante presente na conversação on line, do pronome relativo “que”. É representado apenas pela letra “q” (6). A expressão “fake” (7) é um neologismo por empréstimo (estrangeirismo) da língua inglesa, que significa “falso”. A repetição das consoantes em forma de dízima periódica “rrsrrs” (8) pode representar um neologismo fonológico por criação onomatopaica, ou seja, representa uma “gargalhada” ou “sorriso” em tempo real, como também pode estar vinculada apenas à redução da palavra “risos”.

⁴ Nickname é um nome falso utilizado pelos usuários do MSN e demais programas de bate-papo.

No trecho 4, outra troca de nickname, mas sem alteração dos usuários. Vejamos as expressões aqui analisadas:

Trecho 4

(01:22) Theeus..: q onda
(01:22) Te amo? Não lembro: tu tens quantos anos Mateus
(01:23) Theeus..: 17
(01:23) Te amo? Não lembro: tu parece ter ums 21
(01:24) Theeus..: todo mundo diz isso
(01:25) Te amo? Não lembro: tu é uma *resenha* (9). Todos dizem que vc (10) faz a sobancelha e que vc é mais velho (...)

Novamente há recorrência do neologismo semântico na utilização da palavra “resenha” (9). Sua aplicação na frase está associada ao sentido do outro ser uma pessoa “enrolada” ou “que necessita de mais detalhes”. O “vc” (10) é outra forma muito popular de contração do pronome “você”.

No trecho 5, há recorrência de alguns empréstimos bastante utilizados:

Trecho 5

(01:28) Te amo? Não lembro: Sabe entrei na net de 4 horas da tarde pra postar no *fotolog* (11) e deu erro.
(01:28) Te amo? Não lembro: depois entrei de 8 horas e deu erro
(01:29) Te amo? Não lembro: fiquei tentando desde então e só da erro.

(...)

(01:31) Theeus...: vc consegue postar

(01:32) Te amo? Não lembro: tua net é discada NE?

(01:32) Theeus...: Humrum

(01:33) Te amo? Não lembro: eu fui inventar de botar o *photoshop* (12) pra baixar aki

(01:33) Theeus...: ixiii

(01:33) Te amo? Não lembro: disse que dentro de 27 horas terminava.

As expressões “fotolog” (11) e “photoshop” (12) são empréstimos da língua inglesa (estrangueirismos), muito utilizadas na informática e que foram sendo pouco a pouco incorporadas ao léxico da Língua Portuguesa. “Fotolog” é um espaço virtual onde os usuários podem publicar fotos e imagens pessoais, e “photoshop” é um *software* que permite editar e modificar qualquer tipo de foto que fora digitalizada.

No sexto e último trecho, há outra troca de *nickname* e seus usuários conversam sobre uma situação que acontecera com um deles:

Trecho 6

(00:29) Theeus...: então o que ele achou de você?

(00:29) Theeus...: e q vc acha?

(00:29) Por traz de um h: sei lá.. deve ter gostado

(00:29) Por traz de um h: lógico, eu sou *tudo de bom* (13)... uma pessoa *deliciável* (14)...

(00:29) Por traz de um h: ahhh.... rrsrrsrs...
 (00:29) Por traz de um h: Tinha que ser vc mesmo!
 (00:29) Theeus...: claro....
 (00:30) Theeus...: tu tava onde quando se encontraram?
 (00:30) Por traz de um h: em boa viagem
 (00:31) Theeus...: *Meninu* (15), eu quase me agarrava nos *gurguminho* (16) dele... falto pouco. Dei um *carão* (17) nele, só que depois ele me deixou *gaizo* (18), deu uma desculpa esfarrapada e foi embora...

Em (13) “tudo de bom”, vê-se um neologismo formado por *lexia complexa*, pois, embora as palavras não se unam graficamente, um elemento não pode ser separado do outro sem que haja comprometimento do sentido da expressão.

“Deliciável” (14) é um neologismo sintático formado por derivação sufixal, o radical “delici-” acompanha o um sufixo formador de adjetivo “-vel”. Apesar de ser uma palavra nova, sua significação, comparada a outros adjetivos como “delicioso” ou “deliciosa”, não fica comprometida.

Em “Meninu” (15), a completa despreocupação com a gramática torna os usuários livres para desenvolverem uma grafia mais próxima da fala. A troca do “o” de “menino” para “u” em “meninu” não altera a semântica do vocábulo, mas essa substituição fonêmica transfere a sílaba tônica da palavra, transformando-a em oxítônica. Essa troca é proposital e enfatiza a introdução do discurso.

As palavras “gurguminho” (16) e “gaizo” (18) tratam-se de neologismos fonológicos, pois são itens do léxico cujos significantes são totalmente inéditos. “Gurguminho” vem na oração representando “pescoço” e “gaizo” está associada à expressão “sem

graça”. Ambas as expressões também fazem parte das inúmeras gírias utilizadas por este gênero, podendo ser consideradas neologismos semânticos.

Ainda em “carão” (17), inicialmente isento da análise semântica, tem-se apenas o aumentativo da palavra “cara”, no entanto, sua intenção empregada pelo usuário está vinculada ao sentido de “cara bonita” ou “um semblante que chame atenção do outro”. Neste caso, a palavra “carão” é classificada como um neologismo semântico.

5. Considerações finais

O processo de formação de palavras e a utilização de neologismos na comunicação virtual estão crescendo exponencialmente, provocando uma dinâmica na língua que muitas vezes não é percebida por seus usuários. Esses instrumentos podem ser levados para reflexão em sala de aula, pois, se os gêneros textuais discursivos mais tradicionais presentes na nossa sociedade letrada alcançaram o espaço de produção de ensino, os chats também podem ser trabalhados como forma de aproximar o aluno da sua realidade, desmistificando a preocupação de pais e professores em relação à escrita eletrônica como sendo “imprópria” ou “pobre de recursos linguísticos”.

Esse é o momento de associar a evolução tecnológica a esse novo tipo de linguagem e aproveitar a oportunidade para introduzir a variação dialetal ou variação linguística como objeto de estudo em sala de aula, enfatizando a importância da criação vocabular como instrumento de inclusão social, deixando para trás a tradição filológico-gramatical que identifica impropriamente tais fenômenos como “vícios”.

Percebe-se também que a dicotomia entre fala e escrita, dentro do contexto interacional, perde força, abrindo espaço para uma escrita que serve de espelho para a fala, pois, através desse novo gênero emergente, a fala e a escrita se confundem, tornando-se, portanto, além de um instrumento de utilização da língua como meio de comunicação e de socialização, também uma “marca” que possui características próprias e registra as mudanças na língua, isso porque, não sendo a língua estática, produto de algo essencialmente estrutural, mas fundamentalmente processual, há em cada época humana a prevalência de determinados gêneros, refletindo assim, todas as transformações por que passa a vida social. Desta forma, cada época e cada grupo social têm seu repertório de gêneros discursivos que funciona como espelho que reflete e refrata a sua realidade. Segundo Castro & Jobim Souza (1997), a palavra é a revelação de um espaço no qual os valores fundamentais de uma sociedade se explicitam e se confrontam.

Enfim, todas essas considerações acerca dessa nova forma de linguagem permitem a reflexão de uma possível apropriação dos recursos linguísticos presentes nesse gênero para a sala de aula, promovendo uma maior contextualização na aplicação do ensino da morfossintaxe.

Referências

- ALVES, Ieda Maria (2007). *Neologismo: criação lexical*. São Paulo, Ática.
- ALVES, Ieda Maria (1996). Projeto de política pedagógica neológica para o português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. (15): p.53-57.
- BAKHTIN, M.M. (1999). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec.

Ao pé da letra

VERSÃO ONLINE - ISSN 1984-7408

- BARROS, Diana Luz Pessoa (2000). Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. *Fala e escrita em questão*. São Paulo, Humanitas.
- CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso (1980). *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro, Padrão Livraria Editora.
- CASTRO, L. R., JOBIM E SOUZA, S. (1998). Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo. *Psicologia Clínica: Pós-graduação e Pesquisa*, p.83-117.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (2007). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo, Cortez.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo, Parábola editorial.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (1991). *Análise da conversação*. São Paulo, Ática.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos (2004). *Hipertexto e gêneros textuais*. Rio de Janeiro, Lucerna.
- MURRAY, D. E. (1989). The context of oral and written language: a framework for mode and medium switching. *Language in society*. London, Cambridge University, p. 319-337.